

MATTHEW QUIRK

OS 500

Tradução de Raquel Dutra Lopes

Para Heather

Prólogo

Miroslav e Aleksandar ocupavam os lugares da frente do *Range Rover* estacionado do outro lado da rua. Ainda que envergassem os uniformes diplomáticos do costume – fatos *Brioni* escuros, feitos à medida –, os dois sérvios pareciam mais zangados do que era habitual. Aleksandar ergueu a mão direita o suficiente para me ofuscar com a sua *Sig Sauer*. Um mestre da subtileza, aquele Alex. No entanto, eu não estava muito preocupado com os dois brutamontes sentados nos lugares da frente. O pior que poderiam fazer seria matar-me e, naquele momento, essa parecia uma das melhores opções ao meu dispor.

A janela de trás desceu e ali estava Rado, de olhar raivoso. Ele preferia fazer as suas ameaças com um guardanapo. Pegou num e limpou as comissuras dos lábios com toques suaves. Chamavam-lhe o «Rei dos Corações» porque, bem, comia corações de pessoas. A versão de que eu estava a par dizia que ele lera um artigo na revista *The Economist* acerca de um líder guerreiro da Libéria com gostos similares. Tendo decidido que esse género de notória crueldade daria à sua marca criminosa a distinção necessária num mercado global muito concorrido, adquirira tal hábito.

Eu nem estava grandemente preocupado por ele poder devorar-me o coração. Isso costuma ser fatal e, como já disse, simplificaria bastante o meu dilema. O problema era que ele conhecia Annie. E ver outro ente querido assassinado por causa dos meus erros era uma das coisas que me fazia ver o garfo de Rado como a saída mais fácil.

A olhar para ele, assenti com a cabeça e comecei a subir a rua. Era uma bela manhã de maio na capital da nação, com um céu que parecia feito de porcelana azul. O sangue que me ensopara a camisa estava a secar, a ficar rígido e a fazer-me comichão. Tinha o pé esquerdo a arrastar-se pelo asfalto e o joelho tão inchado que estava do tamanho de uma bola de rãguebi. Tentei concentrar-me no joelho para me distrair do ferimento no peito porque, se pensasse nisso – menos pelo que me doía do que pela impressão que me causava – sem dúvida perderia os sentidos.

À medida que me ia aproximando, o escritório parecia-me tão elegante como sempre: uma mansão construída ao estilo federal, instalada na zona de Kalorama, entre embaixadas e chancelarias. Era ali a sede do Davies Group, a firma de consultoria estratégica e governamental mais respeitada de Washington, para a qual, em teoria, eu talvez continuasse a trabalhar. Tirei as chaves do bolso e acenei-as diante de um painel cinzento ao lado da porta fechada. Nada feito.

Mas Davies esperava-me. Olhei para a câmara do circuito interno de vigilância. O trinco vibrou.

Dentro do átrio, cumprimentei o responsável pela segurança e reparei na pequena *Glock* que ele sacara do coldre e que mantinha encostada à coxa. Depois virei-me para Marcus, o meu chefe, e acenei com a cabeça, em jeito de saudação. Ele estava do outro lado do detetor de metais, fez-me sinal para que avançasse e depois revistou-me do pescoço aos tornozelos. Estava à procura de armas e de microfones. Marcus tinha feito uma bela e longa carreira com aquelas mãos, a matar.

– Despe-te – disse-me.

Obedeci e tirei a camisa e as calças. Até ele fez um esgar ao ver a pele do meu peito, repuxada à volta dos agrafos. Espreitou rapidamente para dentro das minhas cuecas e depois pareceu ficar convencido de que eu não levava escutas. Tornei a vestir-me.

– Envelope – disse ele, a apontar para a pasta de cartão que eu tinha na mão.

– Só depois de chegarmos a acordo – respondi. O envelope era a única coisa que me mantinha vivo, pelo que me sentia algo relutante em abrir mão dele. – Isto vai ser divulgado se eu desaparecer.

Marcus assentiu com a cabeça. Aquele tipo de garantia era prática comum no meio. Fora ele mesmo quem mo ensinara. Conduziu-me até ao gabinete de Davies, no andar de cima, e ficou a guardar a porta enquanto eu entrava.

Ali, diante das janelas a observar a baixa de Washington, estava a única coisa que me preocupava, a opção que me parecia muito pior do que ser retalhado por Rado: Davies, que se voltou para mim com um sorriso de avô.

– É bom ver-te, Mike. Fico satisfeito por teres decidido regressar.

Ele queria um acordo. Queria sentir que me tinha de novo na mão. E era isso o que me assustava mais do que qualquer outra coisa: o facto de eu poder aceitá-lo.

– Não sei como é que as coisas chegaram a este ponto – disse ele.

– O teu pai... lamento.

Morto, desde a noite anterior. Obra de Marcus.

– Quero que saibas que nada tivemos a ver com isso.

Permaneci calado.

– Talvez queiras interrogar os teus amigos sérvios a esse respeito.

Nós podemos proteger-te, Mike, podemos proteger aqueles que amas. – Aproximou-se um pouco mais. – Basta que o digas e isto acaba. Volta para nós, Mike. Só é preciso uma palavra: sim.

E era isso o que todos os seus jogos, toda a tortura, tinham de estranho. No fundo, ele julgava mesmo que estava a fazer-me um favor. Queria-me de volta, via-me como um filho, como uma versão mais jovem de si mesmo. Tinha de me corromper, de me controlar, caso contrário tudo aquilo em que acreditava, todo o seu mundo sórdido, não passaria de uma mentira.

O meu pai preferiu morrer a alinhar no jogo de Davies. Morrer orgulhoso em vez de viver corrupto. Saiu. Foi tudo muito simples e limpo. Mas eu não dispunha desse luxo. A minha morte seria apenas o início da dor. Eu não tinha boas opções. Era por isso que me encontrava ali, prestes a dar um aperto de mão ao diabo.

Ergui o envelope e avancei para a janela. Dentro daquela pasta encontrava-se a única coisa que Henry receava: a prova de um homicídio quase esquecido. O seu único erro. O único descuido da

longa carreira de Davies. Era um pedaço de si mesmo que perdera cinquenta anos antes e que queria recuperar.

– Só assim há confiança verdadeira, Mike. Quando duas pessoas conhecem os segredos uma da outra. Quando cada uma deixa a outra encurralada. Destruição mútua assegurada. O resto não passa de sentimentalismo da treta. Estou orgulhoso de ti. É a mesma jogada que fiz quando comecei.

Henry sempre me dissera que todos os homens têm um preço. Ele tinha encontrado o meu. Se eu acedesse, reaveria a minha vida – a casa, o dinheiro, os amigos, a fachada respeitável que sempre desejara. Se recusasse, estaria tudo acabado, para mim, para Annie.

– Diz o teu preço, Mike. Podes ter o que quiseres. Toda a gente que é gente fez um trato destes para poder ascender. É assim que o jogo funciona. Que me dizes?

Era uma velha negociata. Vender a alma por todos os reinos do mundo e a glória associada. Haveria regateio quanto a certos pormenores, obviamente. Eu não me venderia por pouco, mas isso depressa se resolveu.

– Dou-te esta prova – disse eu, batendo com um dedo no envelope – e garanto-te que nunca mais terás de te preocupar com isto. Em troca, o Rado desaparece. A Polícia deixa-me em paz. Recupero a minha vida. E torno-me sócio de pleno direito.

– E, doravante, passas a ser meu – replicou Henry. – Um sócio de pleno direito também no trabalho sujo. Quando encontrarmos o Rado, serás tu quem lhe cortarás a garganta.

Assenti com a cabeça.

– Então estamos de acordo – disse ele.

O demónio estendeu a mão. Eu apertei-a e, com o envelope, entreguei a minha alma.

Mas isso era treta, mais uma jogada. Morrer na infâmia, com a honra intacta, ou viver na glória, corrompido. Eu não escolhia qualquer destas hipóteses. O envelope estava vazio. Eu tentava negociar de mãos vazias com o diabo, pelo que só tinha uma possibilidade: vencê-lo no seu próprio jogo.

Capítulo 1

Estava atrasado. Vi-me num dos espelhos gigantes e dourados que eles tinham pendurado por todo o lado. Tinha olheiras escuras da falta de sono e uma marca de abrasão na testa. Excluindo isso, parecia-me com qualquer dos outros marrões competitivos com perspectivas de subir na escala social que andavam por Langdell Hall.

O seminário intitulava-se Política e Estratégia. Enfiei-me lá dentro. Era preciso uma candidatura para o frequentar – só abriam dezasseis vagas – e tinha a reputação de ser um trampolim para futuros líderes nos campos das finanças, da diplomacia, das Forças Armadas e do governo. Todos os anos, Harvard contactava uns quantos pesos pesados de Washington e Nova Iorque, a meio ou no fim das suas carreiras, e convidava-os a dirigirem o seminário. As aulas eram basicamente uma oportunidade para que os aspirantes a grandes alunos profissionalizados – coisa que não faltava pelo *campus* – exibissem as suas capacidades de «pensamento analítico», esperando sobressair aos olhos de professores catedráticos que os ajudassem a encetar carreiras brilhantes. Olhei em redor da mesa: figurões saídos das faculdades de Direito, de Economia, de Filosofia, até uns quantos médicos e doutorados. A soberba imbuía aquele espaço como ar condicionado.

Era o meu terceiro ano de curso – estava a tirar uma licenciatura conjunta em Direito e Ciência Política – e não fazia ideia de como conseguira entrar na Faculdade de Direito de Harvard nem naquele seminário. No entanto, como isso condizia com tudo o que fora acontecendo nos últimos dez anos da minha vida, não lhe dava

grande importância. Talvez tudo não passasse de uma longa série de erros administrativos. Por regra, eu considerava que quanto menos perguntas, melhor.

Blusão, camisa, calças caqui: no cômputo geral, correspondia ao papel, ainda que um pouco cansado e agastado. Estávamos lançados na discussão. O tema era a Primeira Guerra Mundial. E o professor Davies fitava-nos com um ar expectante, arrancando-nos a resposta como se fosse um inquisidor.

– Então – disse ele – Graviolo Pincip avança e dá uma coronhada num transeunte com a sua pequena *Browning 1910*. Alveja o arquiduque na jugular e depois a mulher deste no estômago enquanto ela escuda o marido com o corpo. No processo, acaba por desencadear a Grande Guerra. A questão que se põe é: Porquê? – Olhou em redor com um ar ameaçador. – Não se limitem a regurgitar o que leram. Pensem.

Eu via os outros a contorcerem-se. Estava visto que Davies pertencia à categoria de peso pesado. Os outros alunos tinham estudado a carreira dele com uma obsessão interesseira. Eu sabia menos, mas o suficiente. Era um velho jogador de Washington. Havia quarenta anos que conhecia toda a gente que interessava, as duas camadas de pessoas abaixo da gente que interessava e, mais importante, onde estavam enterrados todos os cadáveres. Tinha trabalhado para o presidente Lyndon Johnson, trocara-o por Nixon e depois passara a exercer por conta própria, agindo como intermediário. Naquela altura, liderava uma firma de consultoria estratégica de ponta chamada Davies Group, o que me fazia sempre pensar nos Kinks (isso deve revelar um pouco da minha aptidão para a luta sanguinária por promoções de carreira em Washington). Davies tinha influência e era capaz de se servir dela para obter o que bem entendesse, incluindo, como lembrou um dos meus companheiros de curso, uma mansão em McLean, uma propriedade na Toscana e um rancho de quatro mil hectares na costa central da Califórnia. Já era o professor convidado do nosso seminário havia algumas semanas. A ansiedade quase fazia os meus colegas vibrar; nunca os vira tão ávidos por causarem boa impressão. Isso levou-me a crer que, nas várias órbitas oficiais de Washington, Davies tinha uma força gravitacional semelhante à do Sol.

O seu método de ensino consistia em ficar placidamente sentado e expor de forma bem clara o seu enfado, como se estivesse a escutar uma data de putos da segunda classe a papaguear curiosidades sobre dinossauros. Não era um homem particularmente grande, devia medir cerca de um metro e oitenta, mas dava a sensação de... nos fazer sombra. Quanto à atração que exercia, era quase como se fosse possível vê-la a espriar-se pelo espaço em que ele se encontrava. As pessoas deixavam de falar, todos os olhares se fixavam nele e depressa tinha toda a gente à sua volta, como chumbos em torno de um íman.

Contudo, a sua voz: isso era o mais bizarro. Seria de esperar que ribombasse, mas ele falava sempre baixinho. Tinha uma cicatriz no pescoço, mesmo entre o maxilar e a orelha. Isso era fonte de alguma especulação – teria um velho ferimento algo que ver com o tom discreto que adotava? –, mas ninguém sabia o que tinha acontecido. Isso não fazia grande diferença, dado que a maior parte das salas se silenciavam assim que ele abria a boca. Nas aulas, porém, os seus alunos ficavam desesperados por se fazer ouvir, por chamar a atenção do mestre. Toda a gente perfilava as respostas às questões de Davies. Há uma arte nos seminários: saber quando deixar os outros tartamudear, quando intervir. É como pugilismo ou... suponho, que esgrima, *squash* ou qualquer outro passatempo das faculdades de elite.

O tipo que era sempre o primeiro a responder e nunca tinha nada de relevante a dizer começou a falar acerca do movimento revolucionário Bósnia Jovem até o olhar fixo de Davies lhe instilar medo. O miúdo perdeu o fio à meada e calou-se depois de balbuciar um pouco. Seguiu-se um ataque generalizado, pois todos detetaram uma fraqueza e desataram a vociferar ao mesmo tempo, numa verborreia sem fim sobre a Grande Sérvia *versus* Eslavos do Sul, bósnios *versus* bosníacos, sérvios irredentistas e a Tríplice Aliança e as normas que regiam a Marinha Britânica.

Eu estava pasmado. Não só por causa dos factos que eles tinham reunido (e alguns daqueles tipos pareciam saber literalmente tudo; eu nunca conseguira deixá-los sem pé). O que me espantava eram